



Portugal é o terceiro país da Zona Euro com mais polícias



Forças de segurança | Portugal é dos países europeus com maior número de polícias.

NUNO AGUIAR
naguiar@negocios.pt

Portugal está na frente do pelotão europeu em duas vias: despesa pública com segurança e ordem pública e número de polícias por habitante. No primeiro caso, o Estado português é apenas ultrapassado pelo eslovaco na dimensão dos seus gastos nesta área, com 2,4% do seu Produto Interno Bruto (PIB) alocado, o que compara com 1,8% na média da Zona Euro.

Ao mesmo tempo, Portugal é também dos países com o número mais elevado de polícias. Os números de 2009 do Eurostat apontavam para a existência de um polícia para cada 216 pessoas ou 4,63 por cada mil (ver infografia), sendo apenas ultrapassado por Chipre e Espanha.

O curioso no caso de Portugal é que, apesar de os seus gastos serem superiores à generalidade dos parceiros comunitários, devido ao número elevado de polícias, o país acaba por estar inserido no grupo dos que menos gasta por cada agente. Isso coloca os polícias portugueses entre os que menos ganham na Europa.

A frase

Portugal gasta e tem mais polícias do que a média, mas os seus salários estão entre os mais baixos do euro.

José Manuel Anes, ex-director do OSCOT (Observatório de Segurança, Criminalidade Organizada e Terrorismo), identifica o problema. Apesar de defender que Portugal ainda gasta dentro do razoável, reconhece: "talvez aí possamos estar a gastar demais". "Temos uma organização que vem de trás e em que se achou que investir em mais pessoas seria a solução para tudo", acrescenta.

O Governo comprometeu-se a cortar quatro mil milhões de euros na despesa até ao final de 2014, iniciando um debate sobre as funções do Estado. Apesar de estar a olhar

para as rubricas que concentram a maior fatia dos gastos – educação, saúde e prestações sociais – o Executivo irá analisar todas as funções, mesmo as de soberania, como mostrou o relatório do FMI.

Os números do Eurostat para 2010 – os últimos disponíveis para uma comparação do nível de despesa pública entre países europeus – revelam um problema de eficiência do Estado na área da segurança e ordem pública. Os 2,4% do PIB gastos são um dos valores mais elevados da Zona Euro, com destaque para os serviços policiais e os tribunais.

Porém, não se pode dizer que Portugal tenha maus resultados com o investimento. A verdade é que compara bem com os restantes países em grande parte dos indicadores de segurança. Apenas em homicídios surge acima da média.

A análise é feita com base em crimes registados pela polícia, deixando de fora todos aqueles que não tenham sido reportados. Outra das limitações para esta análise é a distância temporal. Os dados da despesa dizem respeito a 2010, enquanto os indicadores de resultados são de 2009.

FRENTE-A-FRENTE

AS MESMAS PERGUNTAS. DUAS VISÕES.

1. O Estado gasta demasiado dinheiro ou tem um peso excessivo na área da Segurança e Administração Interna?

2. É possível transferir algumas das funções de Segurança para operadores privados?

3. Em que áreas é que o Estado podia fazer um trabalho melhor?

4. Esta é a altura certa para iniciar uma discussão sobre as funções do Estado? O debate tem sido bem conduzido?

● JOSÉ MANUEL ANES

EX-PRESIDENTE DO OBSERVATÓRIO DE SEGURANÇA CRIMINALIDADE ORGANIZADA E TERRORISMO

● ÂNGELO CORREIA

EX-MINISTRO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA E EMPRESÁRIO

“Não se pode cortar por motivos contabilísticos”

1. Acho que não há demasiado peso, nem dinheiro a mais gasto pelo Estado. Há quem diga que temos demasiado pessoal e talvez aí possamos estar a gastar demais. Mas temos uma organização que vem de trás e em que se achou que investir em mais pessoas seria a solução para tudo. No entanto, e mesmo assim, acho que ainda estamos dentro daquilo que é razoável. Não há dinheiro a mais.

2. Rejeito em absoluto uma passagem de competências para o sector privado. É verdade que temos um sector privado em crescimento, muito forte, já com um papel muito importante e com potencial para crescer mais. Contudo, não defendo uma transferência de competências, mas sim uma maior articulação. Um reforço da colaboração entre os dois. São duas esferas distintas.

3. As áreas da responsabilidade do Estado estão a ser bem executadas. Parece-me que o Estado tem desempenhado bem o seu papel. Não vejo expansão possível para as áreas que já lhe pertencem.

4. Em tempos de crise temos de saber gerir melhor os nossos serviços e é natural que, nestas alturas, se pense em cortar. Mas tem de ser muito bem pensado. Esses cortes não podem ser feitos à pressa ou simplesmente por motivos contabilísticos. Estamos a falar de áreas de soberania. Não quero parecer fundamentalista, mas em algumas áreas não se pode estar a mexer. Além disso, estou convencido que os cortes que estão a ser planeados pelo Governo não serão feitos por esta área do Estado.

“As funções de soberania não são privatizáveis”

1. Para os padrões portugueses, o Estado não gasta demasiado em segurança. Está ligeiramente acima porque paga a sua ineficácia. O sistema poderá ser melhorado, mas não consigo abordar esta questão do ponto de vista de uma mera redução de custos. Politicamente, não faz sentido.

2. Não. As funções de soberania não são privatizáveis. A garantia de segurança dos cidadãos deve continuar a ser prestada pelo Estado. O papel das empresas de segurança privadas está definido e a crescer. Desempenham um papel importante no transporte de valores, alguma segurança de propriedade privada ou nos espectáculos desportivos, por exemplo. Avançamos muito nos últimos anos e podemos avançar um pouco mais, mas não muito. As duas esferas – pública e privada – não podem colidir.

3. Tudo o que tenha a ver com informação policial. Uma melhor coordenação entre forças, interacção e coordenação no terreno. Também pode melhorar a forma como os diferentes sectores se relacionam. Tarda uma reforma da Justiça e na Administração Pública, que permita maior mobilidade dos funcionários. Apesar de algumas funções poderem estar a ser menos bem desempenhadas, não se deve abdicar daquelas que vão ao cerne do papel do Estado.

4. É preciso uma análise custo/benefício e organizar uma reestruturação da Administração Interna. Recuso um corte com objectivos financeiros definidos, porque, a certa altura, entramos numa lógica em que a polícia não tem gasolina, os carros estão parados porque não têm peças ou não há papel para documentos.

PORTUGAL GASTA MUITO E TEM RESULTADOS MEDIANOS

Ao nível da segurança interna e ordem pública, Portugal destaca-se nos gastos, sem contrariar nos resultados, que se inserem na média europeia. E, sobretudo, ao nível dos serviços policiais que o país destoa dos seus parceiros europeus, apresentando um elevadíssimo número de agentes. Ao nível dos resultados, pode dizer-se que é um país relativamente seguro.

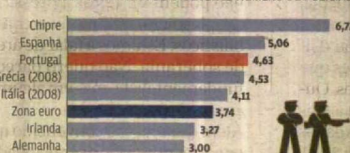
O QUE SE GASTA...

PORTUGAL É DOS QUE MAIS GASTA DESPESA EM SEGURANÇA EM % DO PIB



Além do Chipre, só mesmo a Eslováquia é que gasta mais do que Portugal em segurança e administração interna. É, sobretudo, nos serviços de polícias que a despesa é maior, o que, por sua vez, é explicado pelo número de agentes. Os salários, pelo contrário, são dos mais baixos.

PORTUGAL TEM MUITOS POLÍCIAS NÚMERO DE POLÍCIAS POR MIL HABITANTES



Os números são bastante claros. Por cada mil portugueses há 4,6 polícias. Na Zona Euro, a média é de 3,74. O Chipre lidera, com 6,72 agentes por habitante.

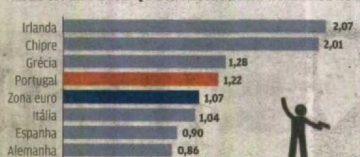
... E OS RESULTADOS QUE SE OBTÊM

HÁ POUCOS CRIMES EM PORTUGAL NÚMERO DE CRIMES POR CADA MIL HABITANTES



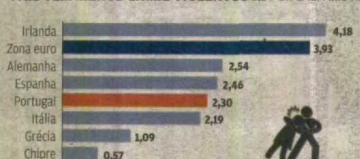
Portugal tem um rácio de crimes por habitante inferior à média europeia. Muito abaixo de Espanha, mas consideravelmente acima da Grécia. Alemanha está mal posicionada.

MAIS HOMICÍDIOS QUE NA ZONA EURO NÚMERO DE HOMICÍDIOS POR 100 MIL HABITANTES



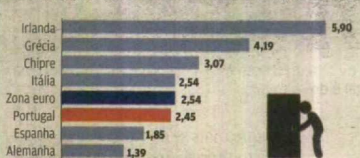
É um dos poucos indicadores em que o País compara mal com os parceiros europeus. Em Portugal, há mais homicídios do que na média europeia.

PAÍS TEM MENOS CRIME VIOLENTOS 2,3 POR CADA MIL HABITANTES



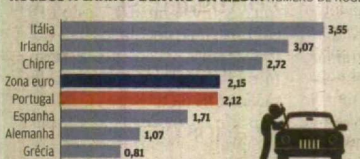
Nos crimes violentos, Portugal compara bem com os seus parceiros. Segundo os dados do Eurostat, há 2,3 crimes deste género por cada mil habitantes.

ASSALTOS A CASA DENTRO DA MÉDIA NÚMERO DE ASSALTOS A CASA POR MIL PESSOAS



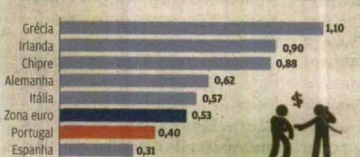
Em matéria de assaltos a casas, Portugal está na média europeia. A Irlanda surge aqui com um resultado bastante mau, seguida da Grécia.

ROUBOS A CARROS DENTRO DA MÉDIA NÚMERO DE ROUBOS DE CARROS POR MIL PESSOAS



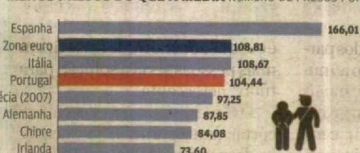
Também os condutores portugueses não têm mais razões de queixa que os seus homólogos europeus. Por ano, há cerca de dois assaltos a carros por cada mil habitantes.

TRÁFICO DE DROGA COM POUCO PESO CASOS DE TRÁFICO DE DROGA REGISTRADOS



No tráfico de droga, Portugal está especialmente bem. Grécia, pelo contrário, apresenta maus resultados. Tal como Irlanda e Chipre.

MENOS PRESOS DO QUE A MÉDIA NÚMERO DE PRESOS POR CADA MIL HABITANTES



Nem muito, nem pouco. Portugal não se destaca pelo número de presos. O mesmo já não se pode dizer da vizinha Espanha. Irlanda está no extremo oposto.